

MEMÓRIA, REMEMORAÇÃO E LEMBRANÇA EM MAURICE HALBWACHS

Luana Aparecida Matos Leal¹

Introdução

A Memória pode-se traduzir como as reminiscências do passado, que afloram no pensamento de cada um, no momento presente; ou ainda, como a capacidade de armazenar dados ou informações referentes a fatos vividos no passado. Partindo dessas definições cotidianas para um termo que perpassa por áreas como Psicologia, Filosofia e Sociologia e que já foi estudado igualmente por pesquisadores dessas mesmas áreas, cabe classificá-lo então, como multimodal, multidisciplinar e multidimensional.

Nessa perspectiva, situando a memória no campo da pesquisa, objetiva-se neste trabalho discutir alguns aspectos referentes à memória, no seu caráter social, sobretudo pelo que nos apresenta o teórico Maurice Halbwachs (1877-1945), uma vez que é a partir de seus estudos que se pensa em uma dimensão da memória que ultrapassa o plano individual, considerando que as memórias de um indivíduo nunca são só suas e que nenhuma lembrança pode existir apartada da sociedade. Segundo esse autor, as memórias são construções dos grupos sociais, são eles que determinam o que é memorável e os lugares onde essa memória será preservada. (HALBWACHS, 2006).

Considerando então esse recorte da memória, pretende-se com mais exclusividade apresentar e discutir o conceito de “memória coletiva” e em seguida entender como o autor em estudo apresenta a questão da rememoração e da duração de uma lembrança no tempo de um indivíduo, ou seja, entender como o indivíduo consegue “lembrar”.

A escolha por esse recorte permite-nos aprofundar então no conceito coletivo de memória, já que ela faz parte de nossas vidas, seja quando pensamos em lembranças que parecem ser apenas nossas, seja quando fazemos parte de um grupo. As lembranças da infância na família e com os amigos, as relações escolares e os grupos de trabalho mostram que essas recordações são

¹ Mestranda do Programa de Pós – Graduação em *Memória: Linguagem e Sociedade* da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, *Campus* Vitória da Conquista. Correio eletrônico: luamatosleal@yahoo.com.br

essencialmente memórias de grupo e que a memória individual só existe na medida em que esse indivíduo é um produto de um grupo (HALBWACHS, 2006).

O presente trabalho privilegia então uma discussão que apresenta a memória como essencialmente coletiva e a capacidade de lembrar mediante a presença no grupo. Para essa discussão, metodologicamente, o trabalho está estruturado da seguinte maneira: Inicialmente, apresenta-se uma explanação sobre memória individual e memória coletiva para Halbwachs, mostrando como o referido autor pensa sociologicamente a memória, privilegiando o seu caráter coletivo; em seguida, pretende-se apresentar como este autor concebe o problema da recordação e da localização das lembranças no tempo, partindo de um pressuposto inicial de que o indivíduo se recorda mais facilmente dos fatos que viveu em grupo e de que essa lembrança dura o tempo em que esse grupo também existir na prática ou na memória de seus integrantes.

Memória Individual e Memória Coletiva para Maurice Halbwachs

Segundo o que nos apresenta Jean Duvignaud, no prefácio de *Memória Coletiva* (2006), Maurice Halbwachs (1877–1945), estudioso durkheimiano, vai além das teses psicologizantes da memória ao fazer um estudo dos contextos sociais da memória, inicialmente apresentado na obra *Os contextos sociais da memória* (1925) e ratificado em sua obra póstuma *Memória Coletiva*, publicada pela primeira vez em 1950, a partir de pesquisas deixadas pelo estudioso.

Considerando primeiramente o caráter psicológico da memória, é automática a ideia de que “lembrar” de algo requer a existência de um acontecimento e de um ator. Nessa perspectiva, temos a noção individual de memória, na medida em que entendemos que é preciso haver uma pessoa que participou do fato, seja como ouvinte ou como ator, que se lembre daquele fato e que possa relatá-lo e guardá-lo. Temos então, a noção de memória como faculdade de armazenamento de informações e podemos classificá-la como “memória individual”.

Dessa ideia, surge a afirmação de que é preciso que haja um testemunho para que um fato se perpetue e se torne memória para um grupo. A esse testemunho, segundo Halbwachs (2006) recorreremos “para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já tivemos alguma informação” (HALBWACHS, 2006, p. 29). Ainda segundo o mesmo

autor, “o primeiro testemunho a que podemos recorrer será sempre o nosso” (HALBWACHS, 2006, p. 29). A relação entre o testemunho do “eu” e o testemunho do “outro” deve ser harmoniosa no sentido de que ambos devem se entender como fazendo parte de um mesmo grupo e o evento vivido e recordado deve ser comum aos membros desse grupo.

Os estudos empreendidos por Halbwachs trazem, portanto, uma nova vertente para a noção de memória e apresenta então os quadros sociais que compõem a memória. Para ele, mesmo que aparentemente particular, a memória remete a um grupo; o indivíduo carrega em si a lembrança, mas está sempre interagindo na sociedade, já que “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos” (HALBWACHS, 2006, p. 30).

A memória individual não deixa de existir, mas está enraizada em diferentes contextos, com a presença de diferentes participantes, e isso permite que haja uma transposição da memória de sua natureza pessoal para se converter num conjunto de acontecimentos partilhados por um grupo, passando de uma memória individual para uma memória coletiva.

Há, portanto, uma relação intrínseca entre a memória individual e a memória coletiva, visto que não será possível ao indivíduo recordar de lembranças de um grupo com o qual suas lembranças não se identificam. Segundo Halbwachs (2006, p.39),

para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum. (HALBWACHS, 2006, p. 39)

Nesse sentido, a constituição da memória de um indivíduo é uma combinação das memórias dos diferentes grupos dos quais ele participa e sofre influência, seja na família, na escola, em um grupo de amigos ou no ambiente de trabalho. O indivíduo participa então de dois tipos de memória (individual e coletiva) e isso se dá na medida em que “o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas que toma emprestado de seu ambiente” (HALBWACHS, 2006, p. 72).

Ao mesmo tempo, “na base de qualquer lembrança haveria o chamamento a um estado de consciência puramente individual” (HALBWACHS, 2006, p. 42) que permite a reconstituição do passado de forma que haja particularidades nas lembranças de cada um. Isso significa que, mesmo fazendo parte de um grupo, o indivíduo não se descaracteriza e consegue distinguir o seu próprio passado.

Dessa maneira, a memória coletiva engloba a memória do grupo e cada componente desse grupo com ela se identifica. O grupo é portador da memória e esta é consensualizada mediante as relações que se estabelecem dentro do próprio grupo. É no contexto dessas relações que construímos as nossas lembranças e elas estão impregnadas das memórias dos que nos cercam, de maneira que, ainda que não estejamos em presença destes, o nosso lembrar e as maneiras como percebemos e vemos o que nos cerca se constituem a partir desse emaranhado de experiências (HALBWACHS, 2006).

A rememoração e a duração da lembrança

Diante da discussão apresentada até o momento a respeito da ideia coletiva de memória, cabe-nos um questionamento crucial na reflexão proposta neste trabalho: De que maneira essa lembrança “comum” entre os integrantes de um grupo, doravante memória coletiva, se propaga no tempo de um indivíduo, ou melhor dizendo, como o indivíduo consegue se recordar de fatos em diferentes circunstâncias?

Para Halbwachs (2006), a duração de uma memória está limitada à duração da memória do grupo. Isso significa dizer que há necessidade de preservação de elos entre os integrantes de um grupo para que a sua memória permaneça. Como exemplo dessa assertiva, o autor cita as lembranças que podem ser retomadas a respeito de uma turma escolar, do ponto de vista do professor e dos alunos. Enquanto os alunos têm uma facilidade maior de se lembrarem de momentos vividos na referida turma e destacarem sempre a presença do professor, este, por não fazer parte apenas daquele grupo específico (uma turma) e por viver experiências semelhantes com outros grupos e por estar menos envolvido do que os alunos no grupo em que ambos faziam parte, não recupera facilmente a mesma lembrança.

Diante desse exemplo, fica claro que a memória coletiva tem como base as lembranças que os indivíduos recuperam enquanto integrantes de um grupo. Concordando com Halbwachs (2006, p.69)

diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes (HALBWACHS, 2006, p. 69).

Para que uma lembrança seja reconhecida e reconstruída, os atores sociais precisam buscar marcas de proximidade que os permitam continuar fazendo parte de um mesmo grupo, dividindo as mesmas recordações. Se isso não acontece, segundo Halbwachs (2006, p. 39 e 40), pode-se dizer que desaparece uma memória coletiva e os integrantes desse grupo podem se perguntar:

Que importa que os outros estejam ainda dominados por um sentimento que outrora experimentei com eles e que já não tenho? Não posso mais despertá-lo em mim porque há muito tempo não há mais nada em comum entre mim e meus antigos companheiros. Não é culpa da minha memória nem da memória deles. Desapareceu uma memória coletiva mais ampla, que ao mesmo tempo compreendia a minha e a deles (HALBWACHS, 2006, p. 39 e 40).

Devido a essa não identificação com o grupo, não ocorre o processo de rememoração por parte do indivíduo, uma vez que os indivíduos só lembram mediante quadros que guardam e regulam os fluxos das lembranças, chamados por Halbwachs de “quadros sociais de memória”.

A continuidade desses quadros de lembranças que atuam sobre os indivíduos em diferentes circunstâncias é que permite a rememoração e fortalece a memória coletiva, na medida em que se define o que ele deve lembrar e/ou esquecer.

Há nesse processo de rememoração coletiva, critérios que definem o que será lembrado com maior clareza e prioridade. No primeiro plano, terá destaque nas memórias de um grupo, aquilo que foi vivido por um maior número de pessoas e que resulta de experiências coletivas; já as experiências relacionadas a um número menor de integrantes adquirem um caráter de segundo

plano (HALBWACHS, 2006). Isso explica o fato de determinadas lembranças de grupos internos e menores dentro de um grupo maior serem pouco lembradas e/ou esquecidas. Somente na presença de circunstâncias específicas, essas lembranças ganham espaço e se despertam para determinados indivíduos.

Mesmo que a lembrança corresponda a um acontecimento distante no tempo, o contato com as pessoas que também viveram aquelas situações, ou com os lugares em que elas aconteceram permite a rememoração daqueles fatos, numa relação entre memória individual e memória coletiva. Isso mostra que “a representação das coisas evocada pela memória individual não é mais que uma forma de tomarmos consciência da representação coletiva relacionada às mesmas coisas” (HALBWACHS, 2006, p. 61).

No processo de recordar/rememorar, estão novamente em dupla ação a memória individual e a memória coletiva, pois se a “memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo” (HALBWACHS, 2006, p. 69). Quanto mais inseridos se fazem em um grupo, mais condições terão os indivíduos de recuperarem as suas memórias como também de contribuir para a recuperação e perpetuação da memória do grupo, sempre numa relação de complementaridade.

Diversos são os fatores que contribuem para que uma lembrança venha à tona, seja individualmente ou em grupo. Na recorrência a essa memória, muitas vezes, é necessário retornar ao momento do fato ocorrido e nesse retorno identificar, além das pessoas envolvidas, o momento em que aqueles fatos ocorreram. Nessa perspectiva, ganha destaque nos estudos de Halbwachs, a noção de tempo.

O tempo é visto aqui não como recuperação exata do dia, mas como uma recordação de um período, o que faz com que de pouco a pouco haja o reviver de uma lembrança. A identificação de um contexto temporal que particulariza aquele acontecimento diante de muitos outros pode possibilitar que ele seja lembrado por meio de vestígios que se destacam quando pensamos no momento em que ele ocorreu. Sobre essa relação entre a noção de tempo como “localização temporal de um fato”, Halbwachs (2006, p. 125) destaca que

não deixa de ser verdade que, em grande número de casos, encontramos a imagem de um fato passado ao percorrermos o contexto do tempo – mas,

para isso, é preciso que o tempo seja apropriado para enquadrar as lembranças (HALBWACHS, 2006, p. 125)

Dessa maneira, pode-se pensar que em muitas situações, recordar o momento em que um fato ocorreu, pensando em como se comportou naquele momento, com quais pessoas estava envolvido, o que aquele fato significou para você naquela época, pode contextualizá-lo melhor e fazer com que você se lembre com mais clareza do acontecimento. Nas palavras de Halbwachs (2006, p. 156), “os limites até onde retrocedemos assim no passado são variáveis segundo os grupos e é o que explica porque os pensamentos individuais conforme os momentos (...) atingem lembranças mais ou menos remotas” (HALBWACHS, 2006, p. 156).

Não faremos aqui uma discussão sobre a divisão do tempo e da adequação dos indivíduos a essa marcação temporal; antes a noção de tempo aqui é apresentada apenas como contextualização do fato visando a sua recuperação pela memória.

Conclusão

Pretendeu-se neste trabalho focar as noções de memória coletiva, memória individual e discutir a capacidade de rememoração pessoal, segundo o que foi proposto pelo estudioso Maurice Halbwachs.

Para essa discussão teórica, foram apresentadas as contribuições do referido autor para um estudo sociológico da memória, tomando-a numa relação entre o indivíduo e o grupo ao qual ele faz parte. Foi discutida também a questão da rememoração pessoal que nas palavras de Jean Duvignaud, no prefácio do livro *Memória Coletiva* (2006), “está situada na encruzilhada das redes de solidariedades múltiplas em que estamos envolvidos”. Nesse sentido, uma recordação será ainda mais confiável quando determinada lembrança fizer parte não apenas da nossa memória como também da memória de outros integrantes do grupo e, na medida em que esses fatos assumem importância maior, acreditamos vivê-lo com mais intensidade (HALBWAHS, 2006).

Por fim, entendemos então que a memória individual e a memória coletiva se alimentam e guardam informações importantes para os sujeitos, garantindo a coesão do grupo e o sentimento de pertinência entre seus membros.

REFERÊNCIAS

CASADEI, Eliza Bacheга. **Maurice Halbwachs e March Bloch em torno do conceito de memória coletiva.** In: Revista Espaço Acadêmico, nº 18, maio de 2010, p. 153 a 161. Disponível em periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/.../5607. Acesso em 20 de junho de 2011.

FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. **Memória Social.** Trad. de Telma Costa. Lisboa: Editorial Teorema, 1992.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.